



A Capela São Judas Tadeu na Mooca: intenções de projeto e construção

The St. Jude Chapel in Mooca: design intentions and construction

Fernando G. Vázquez Ramos*

Resumo:

O artigo apresenta e discute a concepção arquitetônica da Capela São Judas Tadeu, a partir dos desenhos do projeto original (1983-1985) e fotos de sua construção (1985), cedidas pelo arquiteto Shieh Shueh Yau, um dos autores do projeto. Este pequeno edifício religioso foi encomendado pelo Professor Alberto Mesquita de Camargo para servir à Universidade São Judas Tadeu e à comunidade do bairro da Mooca. Construída em 1985, embora tenha sido objeto de algumas alterações, que, aparentemente insignificantes, desvirtuam algumas das intenções iniciais do projeto, o edifício continua a transmitir grande parte de seus valores originais.

Palavras-chave: arquitetura religiosa, projeto de arquitetura, estrutura metálica.

Abstract:

The paper presents and discusses the architectural design of the St. Jude Chapel, from original drawings of the project (1983-1985) and photos of its construction (1985), courtesy of architect Shieh Shueh Yau, one of the authors of the project. This small religious building was commissioned by Professor Alberto Mesquita de Camargo to serve the University of São Judas Tadeu's community and the neighborhood of Mooca. Built in 1985, although it has been subject to some changes, that seemingly insignificant, distort some of the initial intentions of the project, the building continues to convey much of its original values.

Keywords: religious architecture, architectural design, metal structure.

*Doutor Arquiteto pela Universidad Politécnica de Madrid, Co-Editor da Revista eletrônica arq.urb, e professor no Curso de arquitetura e na Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu.

1. Este complexo educacional foi projetado, entre 1981 e 1982, pelos arquitetos: Maria Zarría Uehbe Dubena; Pablo Slemenson (Arcverde Arquitetos); Shieh Shueh Yau e Pei Ling Shieh (Shieh Arquitetos Associados) e Elvira Macri. O projeto paisagístico foi feito pelo Escritório de Paisagismo Rosa Kliass. A construção do complexo ficou a cargo da Construtora Natali, cujas obras se estenderam entre 1982 e 1989.

2. No ano da construção do complexo educacional ainda não tinha sido constituída a USJT, que é de 1989, assim esse foi construído para abrigar as Faculdades São Judas Tadeu.

3. Nota dos Editores: convém observar que outras fotos da capela, tomadas em 1991, contidas no artigo de Ana Paula S. Mello: "Edifícios religiosos na malha urbana de São Paulo: capela da Universidade São Judas Tadeu", publicado na seção "Em Formação" deste número da revista, complementam as que aqui se apresentam.

Ficha técnica

Nome: Capela São Judas Tadeu

Local: Universidade São Judas Tadeu¹, Rua Taquari 546, Mooca, São Paulo - SP

Projeto de arquitetura: Maria Zarría Uehbe Dubena e Shieh Shueh Yau

Projeto de estrutura e execução: Projecta Grandes Estruturas Ltda.

Construtor: Construtora Natali

Data do projeto: 1983-1985

Data de construção: junho a outubro de 1985

Sistema construtivo: estrutura metálica, cobertura de concreto celular sobre estrutura metálica, fundações de concreto armado, fechamentos e caixilharia metálicos

Área: 484 m²

O complexo educacional das Faculdades² São Judas Tadeu na Mooca (figura 1), foi concebido, em 1982, pelos arquitetos: Maria Zarría Uehbe Dubena, Pablo Slemenson, Shieh Shueh Yau, Pei Ling Shieh e Elvira Macri. Previa a construção de uma capela, cujo projeto foi encomendado posteriormente, em 1983, pelo fundador da USJT, Alberto Mesquita de Camargo aos arquitetos Maria Zarría e Shieh. O estudo de 1982 consistia em proposta volumétrica de um edifício de planta quadrada com cobertura totalmente simétrica composta por oito águas organizadas duas a duas, que se uniam formando um volume poligonal estrelado (figura 2), pensado para ser construído em concreto armado. Essa ideia de uma cobertura estática, visualmente pesada e simétrica, foi deixada de lado, no projeto definitivo (1983-1985), por questões formais e construtivas.

A cobertura construída, que resultou desse projeto, adotou a forma de uma pirâmide com suas arestas abertas por amplas fendas envidraçadas (figura 3)³ o que garantia a cada água sua inte-

gridade como um plano isolado. Pensando deste modo, o sistema construtivo não poderia mais ser composto por lajes de concreto armado. Assim, os arquitetos adotaram uma solução inovadora: uma estrutura metálica (figuras 4a - 4g) que assegurava uma grande economia de tempo e re-



Figura 01 – Os professores Alberto de Mesquita Camargo e Asdrúbal do Nascimento frente à maquete do projeto original das Faculdades São Judas Tadeu (c. 1982). Fonte: MARTINS, 2002, p. 173.

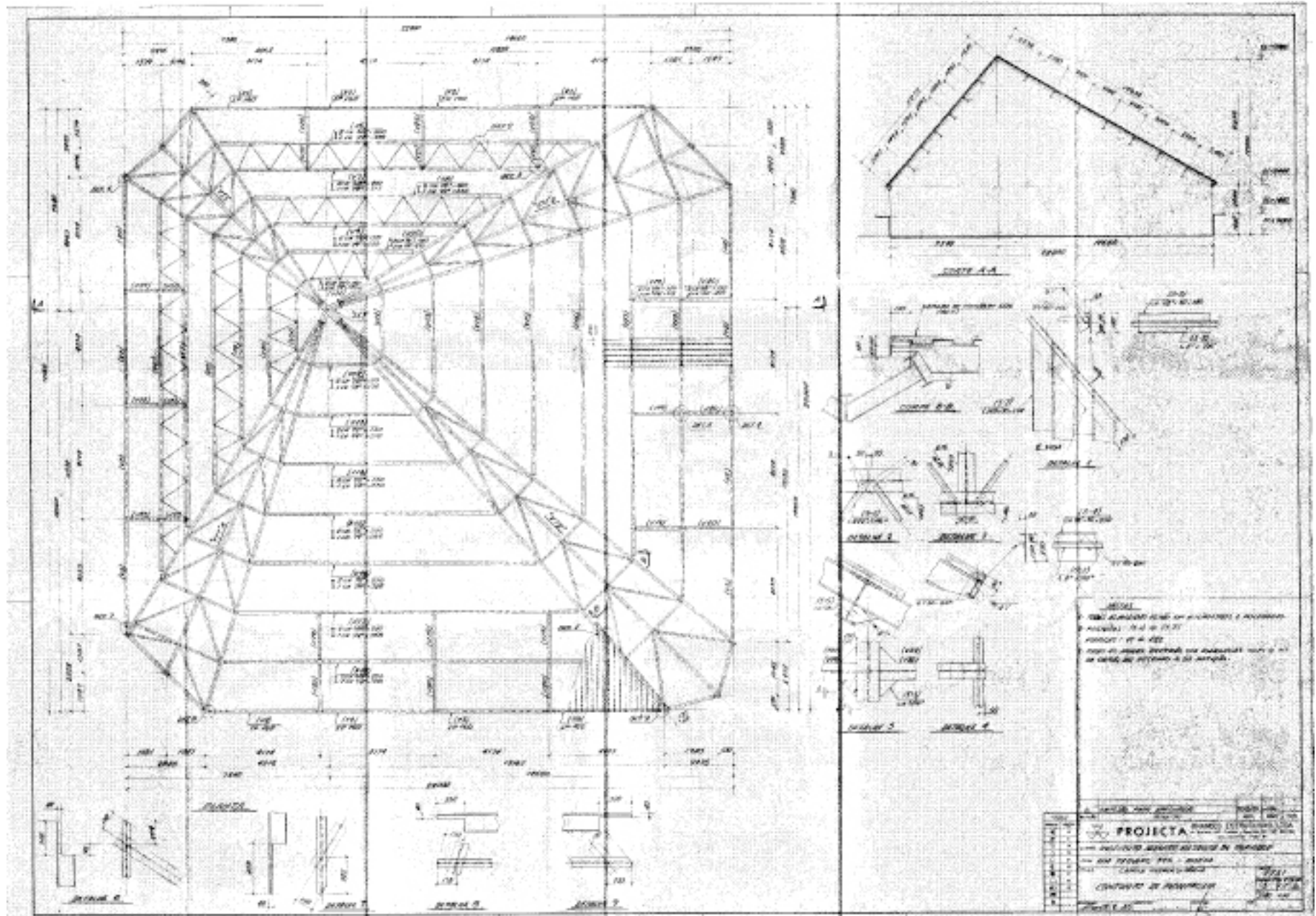


Figura 02 – Maquete do primeiro projeto do complexo educacional das Faculdades São Judas na Mooca (c. 1982). Fonte: MARTINS, 2002, p. 171.

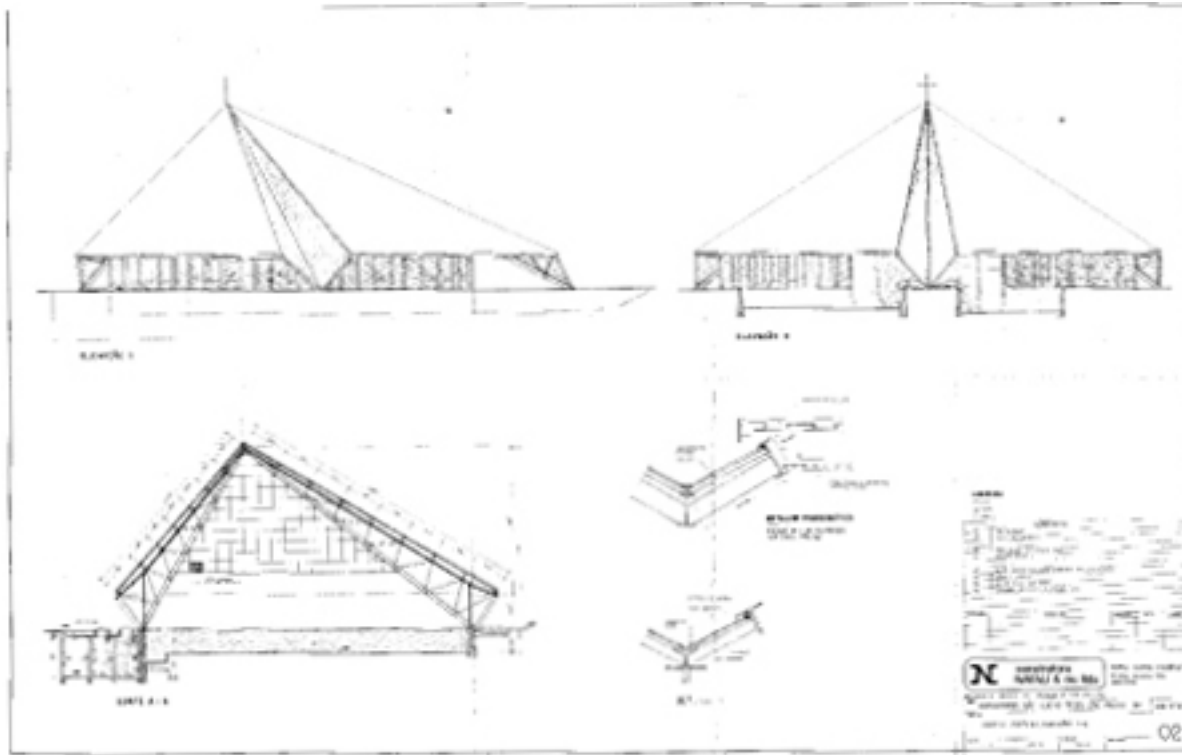


Figura 03 – Fotografia da Capela após sua inauguração (nov/1985). A cobertura com uma das grandes fendas envia-draçadas. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.



Figura 04 b – Fotografia da montagem da estrutura (jul/1985). As quatro vigas colocadas no local. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.



Figura 04 a – Fotografia da montagem da estrutura (jul/1985). Guindaste levantando a primeira viga. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.



Figura 04 c – Fotografia da montagem da estrutura (jul/1985). Os arquitetos Maria Zarría U. Dubena e Shieh Shueh Yau, com seu filho Leonardo, frente à estrutura. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.



Figura 04 d – Fotografia da montagem da estrutura (jul/1985). A estrutura e a escavação. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.



Figura 04 e – Fotografia da montagem da estrutura (jul/1985). A estrutura em pé. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.



Figura 04 f – Fotografia da montagem da estrutura (ago/1985). Colocação das vigas secundárias e da fôrma metálica de sustentação do preenchimento de concreto celular. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.



Figura 04 g – Fotografia da montagem da estrutura (ago/1985). A estrutura desde o interior. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.

ursos. Esta proposta reforçava o entendimento dos planos da cobertura como autônomos, uma vez que o sistema construtivo era de montagem por peças independentes (figuras 5a - 5c). Contudo, o aspecto exterior dos planos da cobertura, como elementos de concreto, foi mantido, como

sutil lembrança das primeiras intenções de projeto. Cada um dos quatro planos da cobertura foi preparado para ser preenchido com concreto celular (figuras 4a - 4c), cuja aparência é igual à do concreto armado.

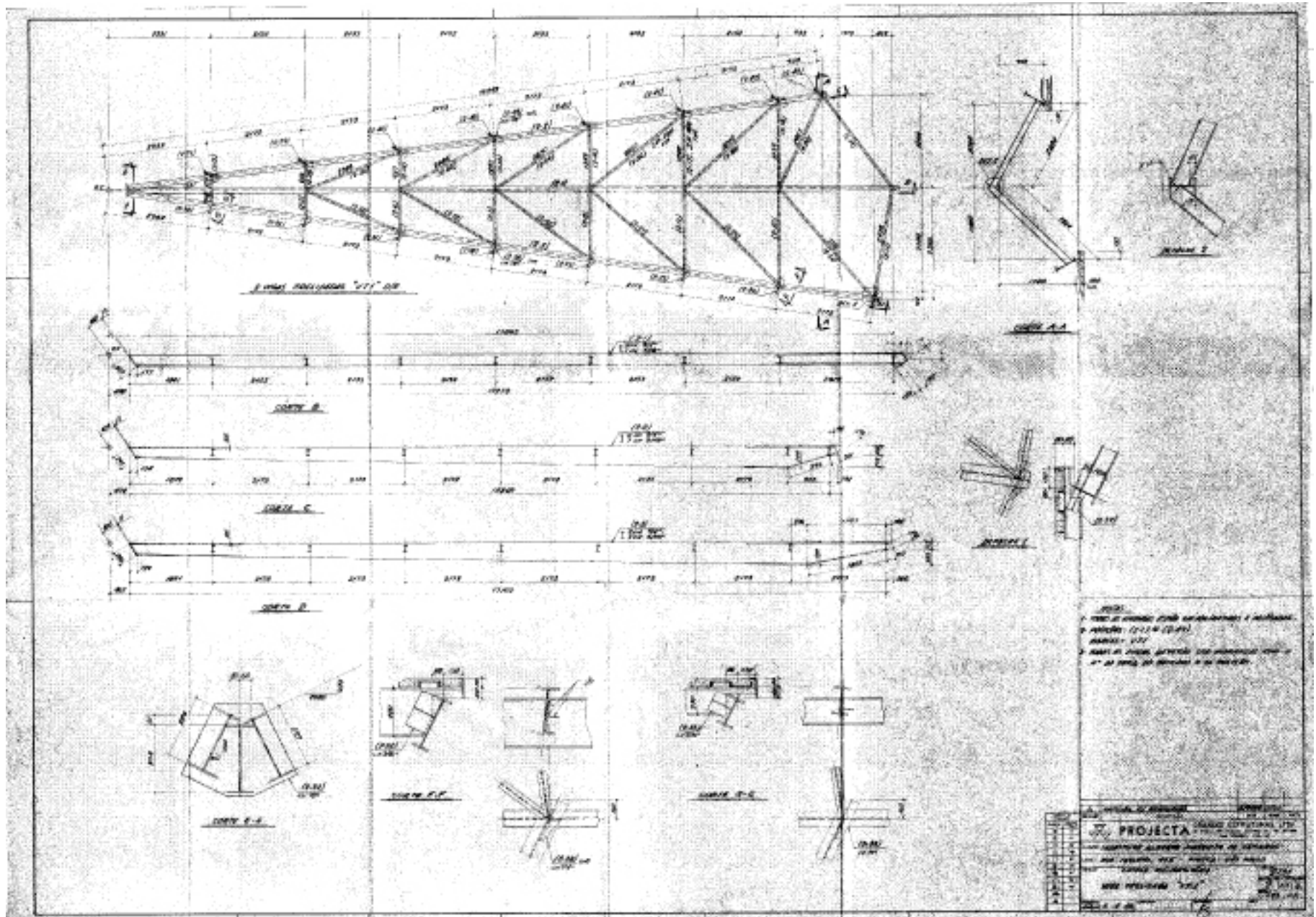


Figura 05 a – Projeto executivo realizado pela empresa Projeta (11/02/1985). Detalhamento da viga treliçada VT1. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.

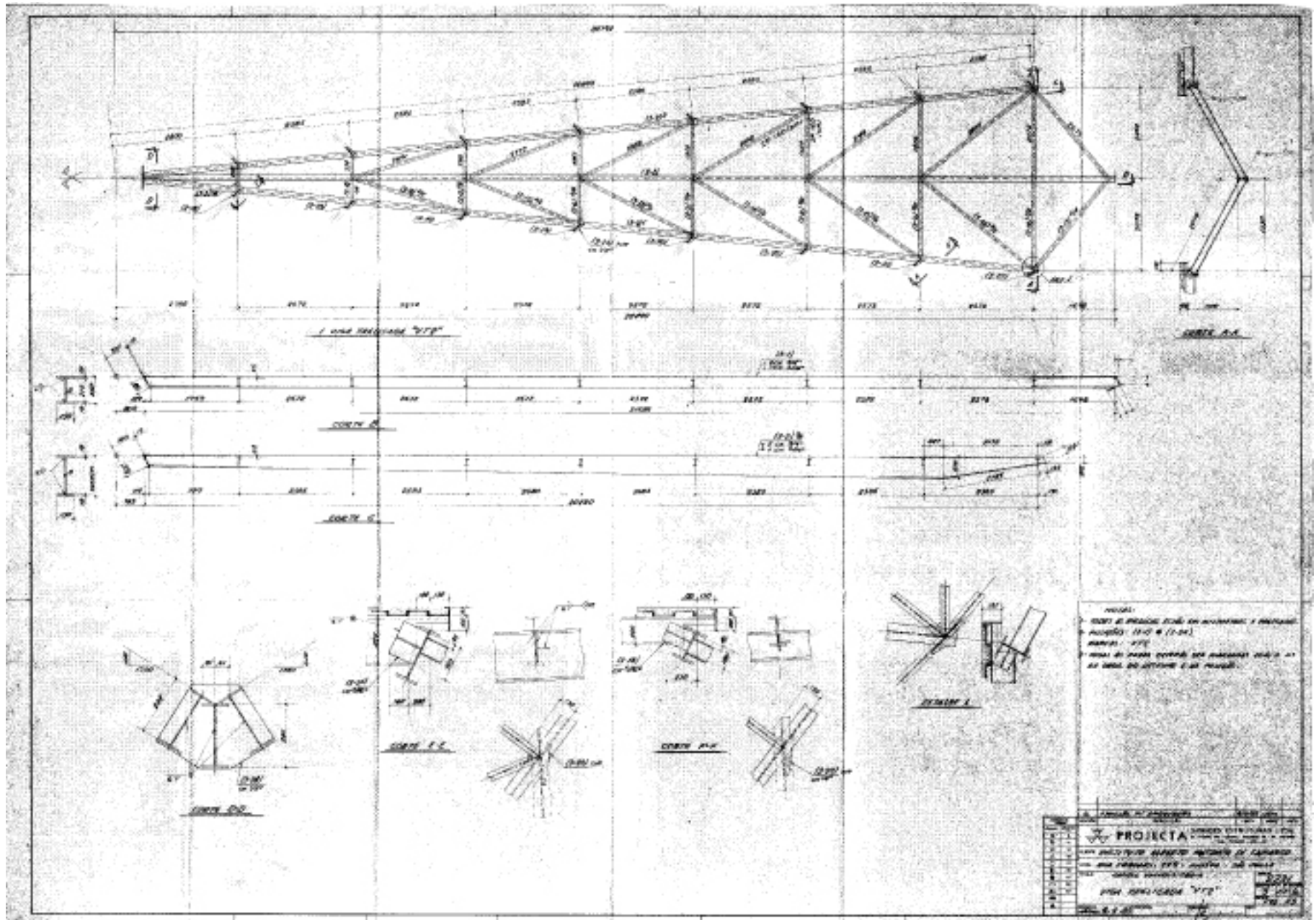


Figura 05 b – Projeto executivo realizado pela empresa Projeta (11/02/1985). Detalhamento da viga treliçada VT2. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.

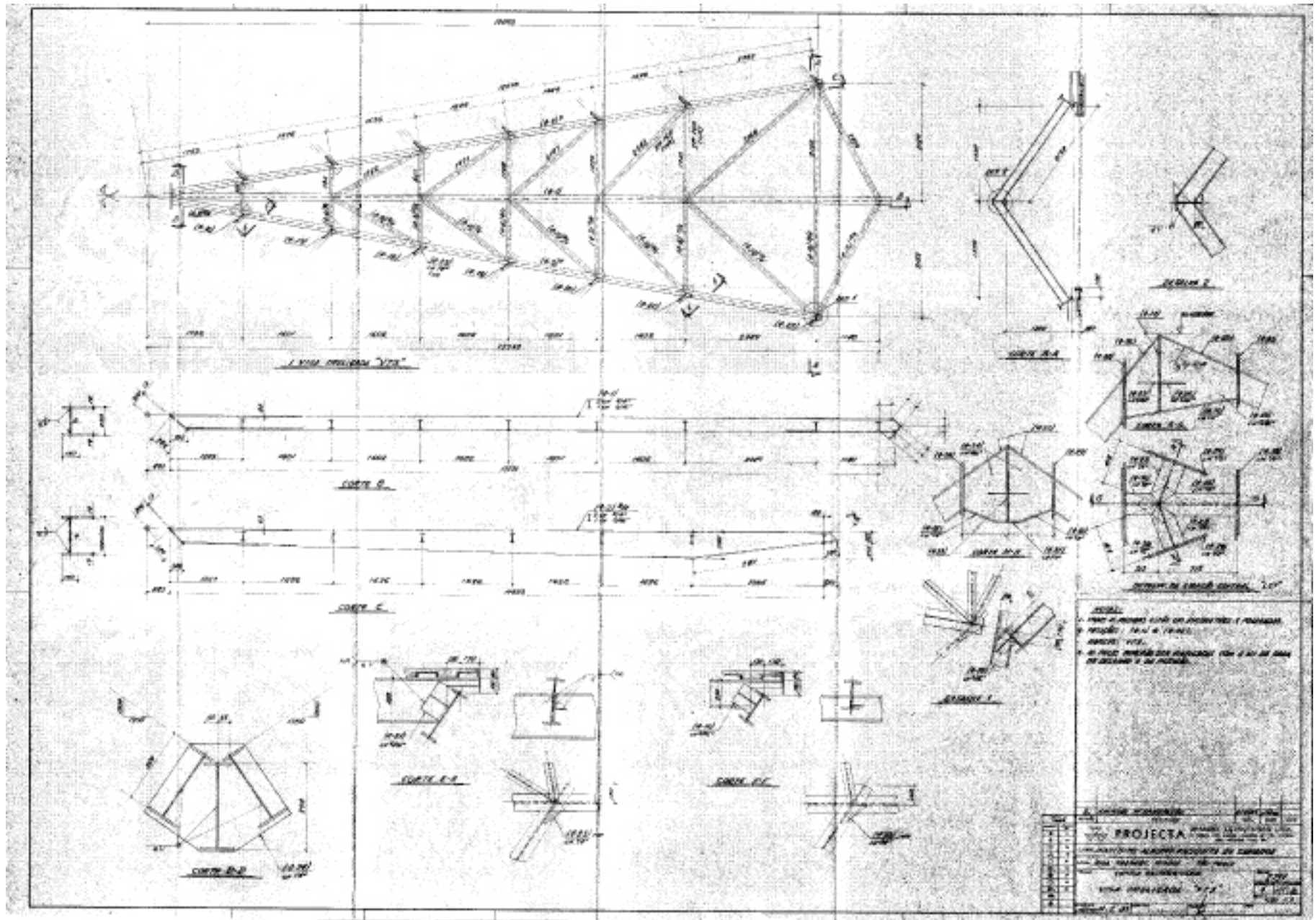


Figura 05 c – Projeto executivo realizado pela empresa Projeta (11/02/1985). Detalhamento da viga treliçada VT3. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.

A alteração formal de uma cobertura perfeitamente simétrica e monolítica por uma nova versão com “dobraduras”⁴ mudou o entendimento do funcionamento da planta. Isto porque, embora desde o início tenha sido pensado como um edifício de planta quadrada, na versão preliminar de 1982, o acesso só podia ser colocado no meio de um dos lados, pois o formato da cobertura impunha uma simetria axial frontal. No projeto final, no entanto, os projetistas situaram o eixo que organiza a planta quadrada, de 22 x 22 m (figura 6, 7a e 7b), na dia-

gonal do quadrado, o que transforma a figura num losango. Esta decisão obrigou, sem dúvida, a colocar o acesso principal na quina do quadrado (figura 8), e não na face, o que criou uma tensão adicional no volume que se levanta do chão, com uma altura de 12 m (figura 9) até o topo da cobertura, pois ele passa a ser visto de escorço. As fachadas laterais, e duas faces da cobertura, afinam-se na direção dos pontos de fuga laterais, enfatizando a perspectiva cônica, o que aumenta sua profundidade do ponto de vista ótico (figura 10).

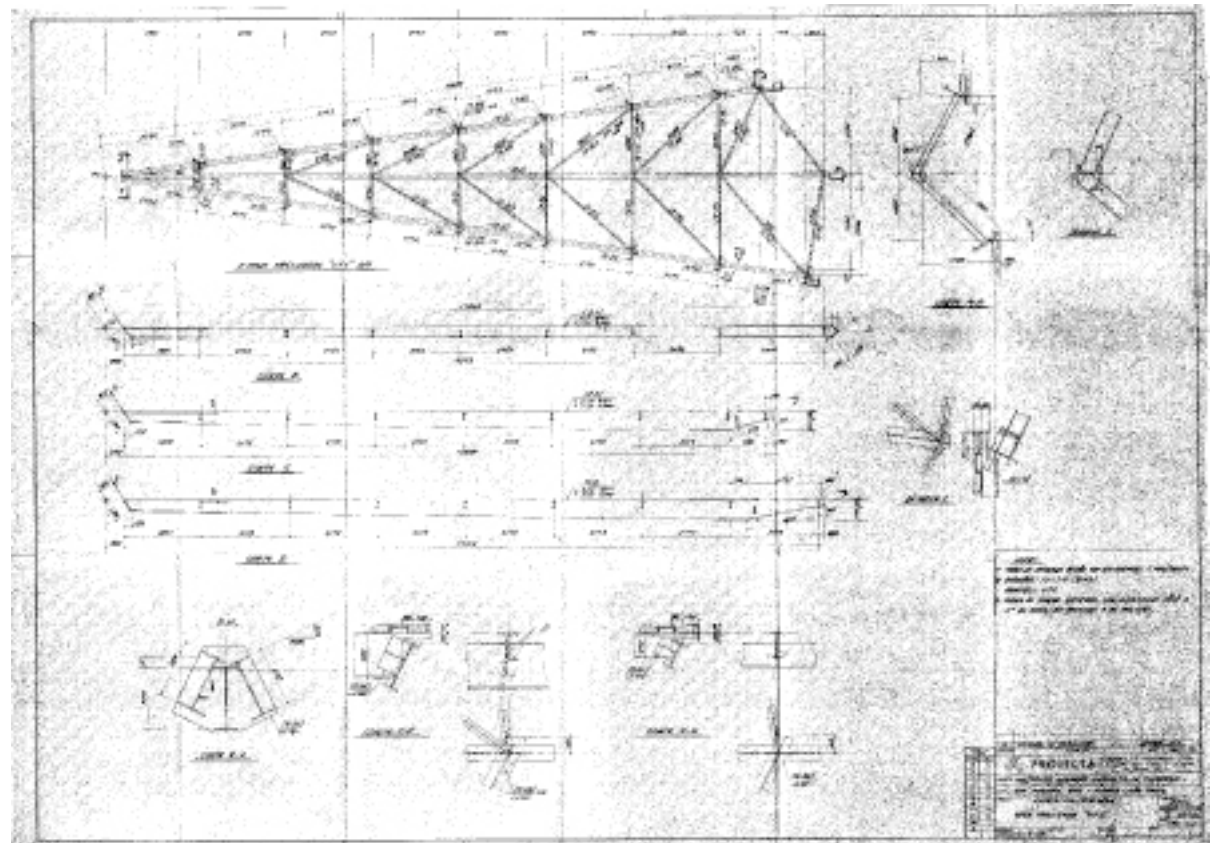


Figura 06 – Acima, Projeto Executivo realizado pela empresa Projeta (22/02/1985), ...

4. Nota dos Editores: convém observar que outras fotos da capela, tomadas em 1991, contidas no artigo de Ana Paula S. Mello: “Edifícios religiosos na malha urbana de São Paulo: capela da Universidade São Judas Tadeu”, publicado na seção “Em Formação” deste número da revista, complementam as que aqui se apresentam.



Figuras 08 - Projeto Executivo realizado pelos arquitetos Maria Zarría U. Dubena e Shieh Shueh Yau, responsável pela concepção do edifício (jul/1985). Planta da capela e detalhe dos bancos. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.

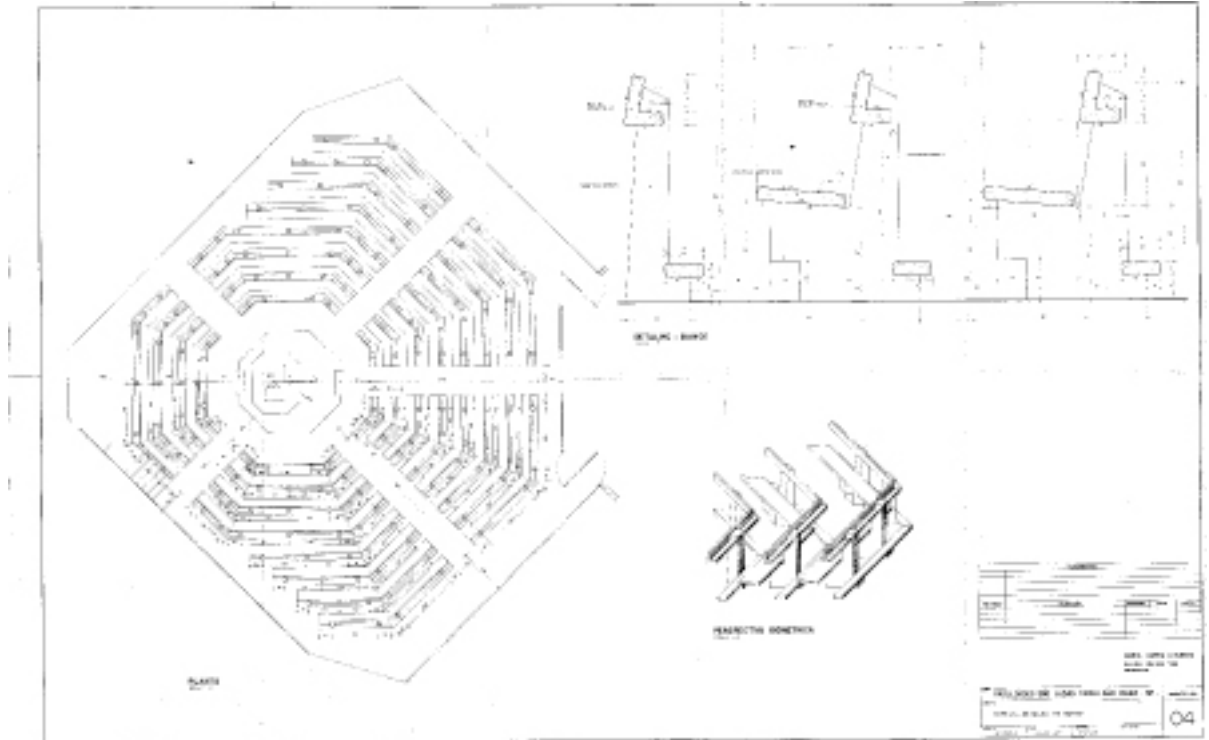


Figura 09 – Projeto Executivo realizado pelos arquitetos Maria Zarría U. Dubena, com carimbo da Construtora Natali, responsável pela construção do edifício (jun/1985). Elevações e corte. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.



Figura 10 – Fotografia da entrada com a cobertura em escorço e a fenda envidraçada (set/2012). Fonte: FGVR.

Para reforçar esta sensação, de um volume maior do que de fato é, o vértice da pirâmide, que é formado pelos planos independentes da cobertura, foi deslocado para longe do espectador, achatando e prolongando as faces frontais e encurtando e elevando as posteriores (figura 9). Assim, o volume piramidal da cobertura não é reto como se espera de uma pirâmide, mas sim, oblíquo. A altura não se encontra no centro da figura geométrica da planta, nem no eixo do volume da cobertura. Foi deslocada num terço da largura do lado, ao mesmo tempo em que foi mantida sobre o eixo central de simetria, o que aplanava o perfil frontal da cobertura sobre esse eixo, para quem a percebe a

partir do acesso, como se pode ver nas elevações 1 e 2 da documentação original (figura 9).

O efeito de aumento da volumetria também está reforçado pelo fato da capela estar enterrada 1,40 m (corte da figura 9), o que leva o visitante a ter uma maior percepção do tamanho da cobertura (figura 11). Esta decisão de enterrar o edifício é muito importante para a apreensão por parte de um usuário. Primeiro porque, como já foi dito, o deixa de frente aos planos da cobertura, o que não é habitual, pois em geral edifícios apresentam-se pelas suas fachadas, especialmente igrejas. O acontecimento importante aqui é que o

5. Hoje existe uma rampa na lateral da escadaria que foi construída por questões de acessibilidade.

6. O vitral esta assinado “Conrado Sorgenicht Filho”, o que parece ser a referência a um atelier da família Conrado, pois Conrado Sorgenicht Filho morreu em 1935. Seu filho, Conrado Adalberto (1902-1994), herdeiro de uma importante tradição de vitrais inaugurada pelo seu avô em 1889 (MELLO, 1996), foi provavelmente quem coordenou a produção deste vitral. Ainda assim, Regina Mello, na sua dissertação, não inclui este vitral como obra da Casa Conrado (idem). O vitral representa, na parte superior a Cena da Transfiguração, e na parte inferior reúne diferentes personagens bíblicos: Nossa Senhora de Fátima, em homenagem à colônia portuguesa, São José, que homenageia os trabalhadores e São Judas Tadeu em pé e caído, simbolizando a vida e a morte. Completa a cena uma reprodução da igreja onde o santo foi martirizado (MARTINS, 2002, p. 117).

espectador, ante o escamoteio da imponência da fachada, é obrigado a defrontar-se com um plano inclinado que, naturalmente, o incita a levantar a cabeça seguindo a superfície da face inclinada. A vista, nesse caso, é dirigida em direção à cruz que coroa o edifício e lhe dá sua significação religiosa, pois se trata de uma construção sob o símbolo da cristandade (figura 12).



Figura 11 – Fotografia da Capela após sua inauguração. Fachada da Rua Taquari, (nov/1985). Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.

No entanto, o edifício se afunda no chão, e o faz não mediante uma rampa⁵, mas através de uma escadaria (figura 13). Evidentemente esta situação inverte a atitude de nosso espectador, que, agora, é obrigado a abaixar a vista para enxergar os degraus e descer a escada. Essa abrupta mudança da direção do olhar é muito importante, pois, por um lado, retira, quase que imediatamente, o efeito de imponência do edifício para devolver o homem à sua própria escala que se institui no átrio da capela (figura 14), onde um enorme vitral⁶ com as figuras de Cristo nas alturas, Nossa Senhora de Fátima, São José e São Judas Tadeu, na parte inferior, recebem o visitante de braços abertos. Esta presença das figuras divinas ao final da escadaria, no átrio, reforça a

ideia de que, de uma forma delicada e sutil com esse recurso arquitetônico e funcional, impõe-se ao visitante um gesto de respeito e de veneração, obrigando-o a reverenciar, abaixando a cabeça, a casa de Deus. A escadaria tem duas seções, uma primeira com degraus próximos que obrigam à reverência, e uma segunda onde os degraus vão alongando-se, deixando paulatinamente que o visitante levante a cabeça para encontrar os olhos de São Judas Tadeu que o aguardam no átrio.

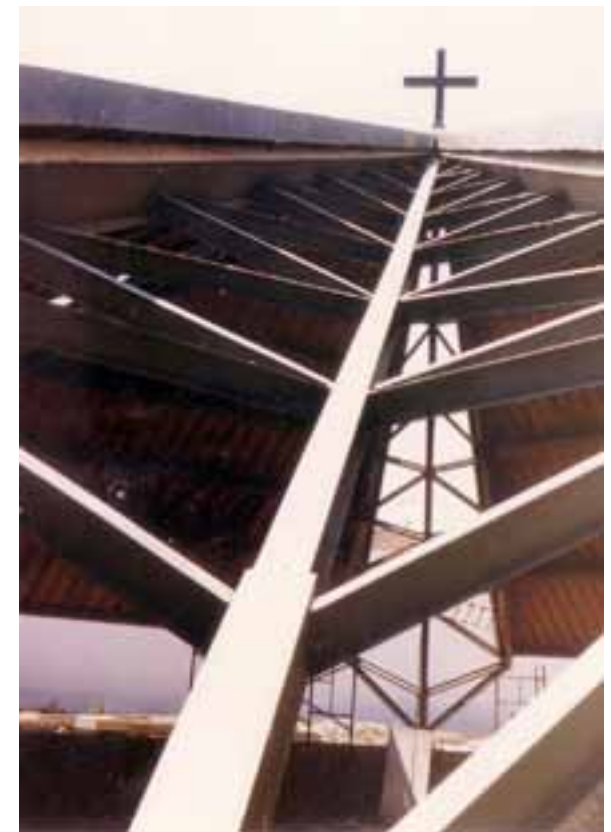


Figura 12 - Fotografia da montagem da estrutura (set/1985). A cruz no topo das vigas de sustentação da cobertura. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.



Figura 13 – Fotografia da Capela após sua inauguração (nov/1985). Escadaria do acesso de entrada. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.



Figura 14 – Fotografia da Capela após sua inauguração (nov/1985). O átrio. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.

A imagem de São Judas Tadeu, de tamanho natural e em pé sobre o chão (figura 15), humaniza a escala do local e induz a uma sensação de aconchego doméstico, reforçada pela presença da família divina, que recebe o peregrino como qualquer família o faria na sua casa terrena.

A mudança de escala é, aliás, um dos efeitos mais interessantes desse pequeno edifício, que a partir de mínimos recursos consegue formidáveis efeitos de contraste e de persuasão.

Quando o espectador chega ao átrio e se depara com este enorme vitral, enfrenta-se a uma divisória que lhe impede a visão do interior e não o deixa entrar. Se lhe impõe novamente uma mudança de atitude, pois é obrigado a desviar-se de sua rota na direção das portas laterais. Intui o espectador o espaço sagrado, mas a entrada nele não é direta. O átrio assume, no arranjo dos acessos, uma interpretação livre das escrituras, pois entendendo que o caminho da salvação nunca é reto obriga-se o pe-

Figura 15 – Fotografia do vitral no átrio (set/2012). Detalhe da imagem de São Judas Tadeu. Fonte: FGVR.



regrino a tomar uma atitude. Assim, resignado frente à impossibilidade de seguir em frente, o visitante decide se vai à direita ou à esquerda, o que de fato é indiferente, pois todos os caminhos conduzem a Deus, destarte, as duas portas conduzem ao interior. A proposta da estruturação simétrica do acesso, como matriz de uma multiplicidade que se torna unívoca, facilita o entendimento da dicotomia das rotas como alegoria condizente com a pregação católica da onipresença divina.

Uma vez dentro do recinto fechado, o espetáculo novamente chama à mudança de escala. A monumental superfície da cobertura volta a fazer-se presente e obriga a alçar imediatamente a vista, seguindo o plano da cobertura, em uma linha ascendente que leva até outra cruz suspensa sobre

Figura 16 – Fotografia da interior (set/2012). Altar central com a cruz fluuando. Fonte: FGVR.



Figura 17 – Fotografia do interior (set/2012). Relação entre os bancos e o altar central. Fonte: FGVR.

o altar (figura 16). Pretende-se do usuário que, a partir de sua humanidade, contemple o ser divino que levita. Mas, o posicionamento dos bancos impede que se possa acessar diretamente esse lugar sagrado (figura 17). O espectador é obrigado a circular pela periferia do espaço até encontrar um caminho que o leve a Deus.

O teto, na sua escuridão, se contrapõe às faixas luminosas das arestas envidraçadas, abertas para iluminar o rebanho que se reúne na liturgia, para a adoração e para a comunhão (figura 18). O ambiente é calmo e iluminado, mas, sobretudo, é horizontalmente livre, uma vez que as vidraças que se encontram em volta do lugar de adoração são totalmente transparentes e dão diretamente no nível do jardim que rodeia o templo (figura 19). A integração com o entorno natural do jardim transmite uma intencionalidade ecumênica que, sem se contrapor aos sinais estritamente católicos, abre o recinto da adoração para a contemplação e para a reflexão do sítio da natureza. O homem sentado tem, na linha horizontal de sua visão, a percepção direta de estar dentro da natureza e em harmonia com ela. Essa sensação vinha reforçada, no projeto original, pelo fato



Figura 18 – Fotografia do interior (set/2012). Relação entre a entrada de luz e o teto escuro. Fonte: FGVR.



Figura 19 – Fotografia da Capela após sua inauguração (nov/1985). Interior com as janelas originais. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.

de a capela encontrar-se dentro de um enorme jardim, projeto da paisagista Rosa Kliass, que ocupava toda a frente do complexo de edifícios da universidade (figura 20). Este espaço verde se perdeu, pois foi destruído pela construção, em 1989, de uma desproporcional rampa de acesso ao primeiro pavimento do prédio principal e pela destinação do que restou da frente do lote para estacionamento de carros.



Figura 20 – Perspectiva axonométrica do projeto original do complexo educacional das Faculdades São Judas Tadeu (c. 1982). Desenho de Pei Ling Shieh. Fonte: MARTINS, 2002, p. 176.

A posterior inclusão de imagens religiosas naquela caixilharia (figura 21) compromete este sentimento de comunhão e impõe uma limitação visual que não agrega nada à temática da imaginária. O problema não está no uso de imagens da liturgia católica, pois o grande vitral do acesso (figura 22), de frente para o altar, também tem este tipo de imagens e nele o efeito estético é muito bem conseguido, pois centraliza a ação no que acontece no altar, e portanto na própria liturgia. O problema das imagens nas vidraças da periferia é que obstaculizam a visão do exterior. Os vitrais originais, de clara influência wrightiana (figura 23), tinham na sua transparência e proporção o grande efeito da integração. O delicado trabalho decorativo, baseado em uma geometria abstrata, não era capaz de alterar esta relação. Até, pelo contrário, aumentava a sensação de integração mediada pela atividade do homem, lembrando, de forma sutil, que naquele ponto existia um limite,



Figura 21 – Fotografia do interior (set/2012). Imagens nos vitrais colocadas posteriormente, sem autorização dos autores do projeto. Fonte: FGVR.

uma barreira que, ao mesmo tempo, vincula e protege do que está lá fora.

Terminaram de comprometer o vínculo com o entorno natural, que brilhantemente tinha sido conseguido com o projeto original, a construção da Sacristia, edifício revestido de pedra, que bloqueia a vista posterior do altar (figura 24) e a colocação insensível de painéis com as grelhas do sistema de ar-condicionado (figura 25). O edifício de apoio ao templo, prevendo a Sacristia e sanitários, estava, no projeto original, enterrado na frente da fachada que dá para a Rua Taquari, e não se impunha como uma barreira na contemplação da natureza (figura 9).



Figura 22 – Fotografia da Capela após sua inauguração (nov/1985). Interior com o altar em primeiro plano e o vitral da entrada por trás. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.

Contudo, e apesar dessas transgressões construtivas que demonstram a recorrente indiferença para com os efeitos plásticos da arquitetura – privilegiando sempre as questões utilitárias sobre as sensíveis –, a pequena capela segue sendo uma enorme lição de arquitetura. O manejo equilibrado das escalas, dos materiais e principalmente da luz continua a ensinar, quase trinta anos depois de ser projetada, como pode ser feita a obra do homem na terra com qualidade espacial, precisão construtiva e beleza arquitetônica.



Figura 23 – Fotografia da Capela após sua inauguração (nov/1985). Detalhe dos vitrais originais. Fonte: arquivo do escritório Shieh Arquitetos Associados.



Figura 24 – Fotografia do interior (set/2012). Parede de pedra da Sacristia construída posteriormente e fora das especificações do projeto original. Fonte: FGVR.



Figura 25 – Fotografia do interior (set/2012). Detalhe das grelhas de ventilação do ar condicionado instalado posteriormente e que comprometem as especificações do projeto original. Fonte: FGVR.

Referências bibliográficas

MARTINS, Ana Luiza (coord.). *Universidade São Judas Tadeu. 1971-2001*. São Paulo: USJT/Lis Gráfica e Editora, 2002.

MELLO, Regina Lara Silveira. *Casa Conrado: cem anos do vitral brasileiro*. 1996. Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas-SP.

MUNHOZ, Elizabeth. “O velho espírito universitário agora tem casa”. *Revista A CONSTRUÇÃO SÃO PAULO*, Ano XXXVII, 7/1/85, pp. 9-13. Fotografias de Wanderley Bailoni.

SILVA, Mauro Carvalho da. “Aço e concreto celular agilizam a execução de cobertura”. *Revista A CONSTRUÇÃO SÃO PAULO*, Ano XXXVII, 30/9/85, p. 11. Fotografias de Marcus Bailoni.

